

# Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social\*

Philippe Waniez  
Violette Brustlein

## ***I. Introdução: turcos, árabes, sírio-libaneses\*\****

É sob o nome de “turco” que a língua popular brasileira designa as pessoas que falam árabe; o dicionário *Aurélio Século XXI* estende mesmo esta designação aos judeus originários do Oriente Próximo. Assim, a identidade “turca” é facilmente perceptível para o homem comum:

Quando um ‘turco’ chega a uma rua para atividade comercial, a rua logo se transforma; toma outro colorido, um colorido quase étnico. Foi o que se verificou na antiga *rua do Açougue*, em Maceió, hoje *Avenida Moreira Lima*, onde mais ou menos em 1937 ou 1938 começaram os sírios — assim chamados genericamente na região os elementos de língua árabe — a abrir suas casas comerciais (Diégues, 1977).

As observações de Pierre Deffontaines sobre os sírios em São Paulo confirmam esta percepção:

(...) quando um chega, instala-se modestamente, vai prosperando, mandando buscar outros patrícios. E assim, as ruas primitivamente típicas ou originais de traços brasileiros (...) vão se transformando, tomando novo colorido, que é predominantemente racial ou étnico: sírio ou turco” (Deffontaines, 1936).

Pode-se observar o mesmo fenômeno nas ruas comerciais do centro do Rio de Janeiro, como a *Rua Buenos Aires* que corta a *Avenida Central* (atual *Avenida Rio Branco*) onde ainda hoje se sente o perfume de especiarias num ambiente que remete ao Oriente.

Porém, a presença “árabe” não se limita apenas ao desenvolvimento do comércio de miudezas, mesmo que o *mascate*, vendedor ambulante, continue sendo o arquétipo do “turco” no imaginário popular. Quem conhece o Rio de Janeiro sabe que, nos numerosos restaurantes *sírio-libaneses* do centro da cidade, são servidos deliciosos quibes e que, para o “suicídio dos diabéticos” são oferecidas sobremesas nas quais a castanha de caju vem, cada vez mais, substituindo as amêndoas... traduzindo assim o *abrasileiramento* de uma cozinha muito típica. A influência cultural árabe é percebida também na poesia (Zeghidour, 1982). Denominado *Adab al Mahjar*, um movimento poético árabe se expandiu pelo continente americano ao longo da primeira metade do século XX, principalmente em São Paulo e Buenos Aires. Em São Paulo, por exemplo, o poeta Michel Maluf foi escolhido como o primeiro presidente da *Liga Andaluza de Letras Árabes (Al Usbah al Andaluziah)*, grupo poético muito atuante de 1933 a 1953 (Folha de São Paulo, 1996). Reconhece-se também nos sírios e libaneses que vivem no Brasil uma grande capacidade de organização comunitária, particularmente graças às suas associações escolares, profissionais ou esportivas como o *Clube Atlético Monte Líbano*, no seio do qual se reúne ainda hoje uma parte da comunidade libanesa de São Paulo.

A *vox populi* atribui também aos “turcos” uma grande capacidade de adaptação aos usos e costumes locais. Conta-se que o libanês Kalil, tido como morto por seus companheiros ao longo de uma viagem pela Amazônia, foi reencontrado doze anos mais tarde como cacique de uma tribo indígena, à qual ele havia ensinado nesse tempo a fabricação de artigos de couro e de objetos de borracha, lamentando-se, porém, de não poder mais saborear os pratos da culinária de seu país natal! Algumas vezes, a presença “árabe” provoca ondas de xenofobia, como se pode observar, por exemplo, pela proposta de um conselheiro municipal nacionalista de São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo, em 1906 : “Todos os turcos que fallar na lingua turca perto de um brasi-

leiro por cada vez que fallar multa de 10\$000 paga na boca do cofre municipal. Todo brasileiro que ouvir elles fallando e não der parte ao fiscal multa de 10\$000” (Truzzi, 1997).

Assim, ainda que reduzida do ponto de vista numérico — estima-se que o número de descendentes de imigrantes libaneses no Brasil seja de 8 milhões de habitantes, quase o dobro da atual população do Líbano, e de 5% da brasileira (Folha de São Paulo, 1995) — a componente árabe da nação brasileira não é desprezível. Ela se manifesta no centro das grandes cidades, mas é em Itabuna, pequena cidade da região cacauceira do sul da Bahia, que Jorge Amado situa a ação de seu pequeno romance *A descoberta da América pelos turcos*. Ele conta “como o árabe Jamil Bichara, desbravador de terras virgens, foi à boa cidade de Itabuna para aí satisfazer as necessidades do corpo, oferecer fortuna e casamento” (Amado, 1994).

## **2. A imigração síria e libanesa no Brasil**

A chegada do Islã ao Brasil data do período colonial: uma parte dos escravos, denominados sob o termo genérico de malês, eram muçulmanos. Localizados principalmente na região de Salvador, na Bahia, a participação dos malês nas revoltas contra a escravidão é observada, sobretudo, na de 1835 (existe uma importante documentação sobre esse assunto nos Arquivos Públicos da Bahia). No entanto, a atual presença muçulmana no Brasil remonta, notadamente, da segunda metade do século XIX, com a imigração de sírios, libaneses e turcos portadores de documentos de identidade emitidos pela administração do Império Otomano, o que explica a denominação *turco*.

Os primeiros sírios e libaneses chegaram ao Brasil nos anos 1860; as estatísticas são imprecisas, mas as pesquisas sobre esse tema (Knowlton, 1960) mostram que o fluxo de imigrantes não cessa de crescer até à véspera da Primeira Guerra Mundial; mais de onze mil pessoas foram registradas em 1913 (Truzzi, 1997). Nos anos 1920 e até à Grande Depressão contava-se em torno de cinco mil entradas por ano. No recenseamento de 1920, o Estado de São Paulo apresentava cerca de vinte mil sírios e libaneses, aproximadamente 40% do total nacional (os demais estavam instalados nos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais). A cidade de São Paulo acolhia seis mil, principalmente nos bairros centrais da Sé e de Santa Ifigênia. Além da capital paulista, numerosos grupos se estabeleceram em São José do Rio Preto, Santos, Barretos e Campinas.

Oswaldo Truzzi expõe um conjunto de fatores que desencadeou a emigração síria e libanesa não só para o Brasil, mas também para outros países da América Latina e, mesmo, para os Estados Unidos. Os dois primeiros fatores não são muito diferentes daqueles que provocaram a saída de populações europeias para as Américas. De um lado, a melhoria das redes de transporte, facilitando o comércio internacional de bens manufaturados, levava à ruína numerosas atividades artesanais tornadas pouco competitivas, provocando a emigração maciça para além dos oceanos. De outro lado, o crescimento urbano não era suficiente para absorver o contingente demográfico das regiões rurais, cujas estruturas agrárias tradicionais se mostravam inadequadas às novas condições de produção e de comercialização (Truzzi, 1997).

Os fatores políticos e religiosos que originaram a emigração de sírios e libaneses em direção às Américas são muito controvertidos. Há, de um lado, a tese “política”, segundo a qual a administração turca (a Síria e o Líbano faziam então parte do Império Otomano), aplicando o adágio de que “para reinar é preciso dividir”, estimulava as discórdias entre os drusos e os cristãos, a fim de manter um nível muito elevado de dominação, sem correr o risco de provocar revoltas diretas contra o ocupante otomano: de perseguição em perseguição, os cristãos não teriam outra opção senão a de deixar os seus países. De outro lado, a tese “antropo-religiosa” destaca a mentalidade progressista dos cristãos maronitas e sua menor ligação à pátria, ao contrário dos muçulmanos. Nos dois casos, a posição difícil dos cristãos explica o fato de estes se constituírem na maior parte dos sírios e libaneses que emigraram para a América, até a Segunda Guerra Mundial. Isto explica sem dúvida que, apesar da presença tangível de um componente árabe na nação brasileira, o número de pessoas que se declaram de confissão muçulmana apareça reduzido nos recenseamentos.

### **3. Os muçulmanos no recenseamento demográfico do Brasil**

No Brasil, os recenseamentos demográficos realizados a cada década procuram avaliar a importância relativa das religiões. É solicitado a cada pessoa recenseada que declare sua religião (uma e apenas uma). Ainda que a qualidade dos recenseamentos possa ser questionada em razão da dificuldade de se fazer pesquisa num país com as dimensões do Brasil, trata-se sem dúvida de uma fonte de informação preciosa, em função de sua profundidade histórica, representatividade demográfica e exaustividade geográfica.

O recenseamento demográfico de 1991, apresentou inúmeras dificuldades de exploração estatística, ligadas à crise do funcionamento do aparelho do Estado. Assim, somente no início do ano de 1997 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tornou públicos os arquivos relativos às condições e modos de vida, exatamente os que englobam os dados relativos às religiões.

No âmbito da convenção entre o IBGE e o Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD) foi possível analisar os microdados do formulário 1.02 do recenseamento de 1991, contendo as respostas relativas às questões sobre as características socioeconômicas da população e das habitações. A realização de quadros estatísticos a partir dos dados individuais exigiu a escolha de um método adaptado ao tratamento de cerca de 17 milhões de fichas gravadas em dez CD-Roms. Um programa de tabulação, chamado MicroDados, foi concebido para construir tabelas que cruzassem uma dimensão geográfica (município, microrregião e unidade da federação) com uma ou duas variáveis relativas à população e à habitação. A tabela 1 é resultado desses tratamentos; ela apresenta a população residente no Brasil em 1991 repartida entre os principais grupos religiosos.

*Tabela 1 - Repartição da população brasileira por grandes grupos religiosos*

<b>Religião</b>	<b>População 1991</b>
Grupo Cristão Tradicional	122 366 662
Grupo Evangélico Tradicional	4 388 309
Grupo Evangélico Pentecostal	8 179 661
Evangélico não determinado	589 459
Grupo neo-Cristão (Testemunhas de Jeová...)	875 201
Grupo Mediúnico (Espíritas...)	2 292 817
Grupo Oriental (Budistas...)	368 578
Israelitas	86 422
Muçulmanos	22 449
Esotéricos	41 555
Indígenas	7 413
Outros Grupos	23 140
Mal definidos – cristãos	58 926
Mal definidos – crentes	31 846
Mal definidos – outros	28 960
Sem declaração	508 115
Sem religião	6 946 237
Total Brasil	146 815 750

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991

A tabela 1 apresenta uma surpresa: o número dos que se declararam muçulmanos não atingiu sequer o total de 25 000 habitantes (22 449), ou seja, quatro vezes menos que os que se declararam israelitas que, por sua vez, também são muito pouco numerosos (86 422). Mesmo admitindo-se um enorme erro de estimativa, os muçulmanos dificilmente chegariam aos 50 000 habitantes. Este fraco efetivo deve ser cotejado com as afirmações da *Sociedade Beneficente Muçulmana de São Paulo* que calcula em um milhão o número total de muçulmanos no Brasil e a quase cem o número de mesquitas ou salas de oração (Folha de São Paulo, 1998). Especialistas em islamismo no Brasil dizem que não existem dados confiáveis sobre a população muçulmana porque, no recenseamento, estes são agrupados numa categoria genérica chamada *outros*. Apesar de diversas entidades afirmarem que o número de muçulmanos se situe em torno de um milhão, estudiosos consideram que o mais provável é que ele represente 20% deste total, considerando-se o número da categoria *outros*.

Mesmo admitindo-se que o recenseamento de 1991 tenha subestimado o número de muçulmanos, o lugar da religião muçulmana no Brasil não deixaria de ser modesto. Mesmo se corrigido, este efetivo confirmaria, de um lado, a fraca proporção de muçulmanos entre os imigrantes sírios e libaneses, e, de outro, a forte capacidade de assimilação da nação brasileira que continua sendo o principal país católico da América do Sul. Na análise que se segue, as estatísticas serão calculadas com base nos dados do recenseamento (os únicos disponíveis no momento), mas levando-se em conta as restrições que acabam de ser feitas, deve-se considerar os efetivos com uma certa reserva, e as proporções com uma confiança relativa, na esperança de uma certa uniformidade de erros entre as categorias.

#### **4. O perfil socioeconômico dos muçulmanos no Brasil**

O principal interesse do acesso aos microdados do recenseamento reside na possibilidade de se realizar cruzamentos de informações inéditas, permitindo confirmar e ressaltar o que é supostamente sabido e, eventualmente, revelar certos aspectos desconhecidos de tal ou qual sub-população. Naturalmente, isto obriga o pesquisador a respeitar o segredo estatístico e liberar apenas informações suficientemente agregadas, que não tragam nenhum prejuízo às pessoas recenseadas. Nessa perspectiva, os registros permitiram construir cerca de dez tabelas estatísticas, cruzando-se o item “religião” com outras características econômicas e sociais.

## ***Características gerais***

A população muçulmana residente no Brasil em 1991 é majoritariamente urbana (99,4% contra 74,6% para o total dos brasileiros), masculina (59,5% contra 48,5% para a população urbana e 49,4% para o conjunto dos brasileiros), e de cor branca (87,9% contra 51,6% para a totalidade dos brasileiros). Como a população muçulmana vive quase totalmente nas cidades, suas características socioeconômicas serão comparadas somente com as da população urbana brasileira.

## ***Nacionalidade***

Mais de um quarto dos muçulmanos residentes no Brasil, ou seja, 6 339 pessoas, não possuem a nacionalidade brasileira (fig.1); para 12,6% dos muçulmanos, isto é, 2 821 pessoas, a nacionalidade brasileira resulta de naturalização (contra, respectivamente, 0,5% e 0,1% para os urbanos). A pesquisa sobre o lugar de nascimento das pessoas naturalizadas ou estrangeiras mostra a predominância do Líbano (48,8% e 60,1%, respectivamente) e, de maneira secundária, da Síria (4,4% e 4,5%) e de Israel (4,5% e 2,4%). Observa-se igualmente uma forte proporção de muçulmanos nascidos em “outros países da Ásia”, que representam 35,7% dos naturalizados e 23,3% dos estrangeiros. Todas estas observações convergem para a confirmação da continuidade dos movimentos migratórios “tradicionais” do Oriente Médio. O fato novo parece vir da imigração muçulmana originária da África que representa 2,5% dos naturalizados contra 5,8% dos estrangeiros. Considerando-se que a naturalização constitui a etapa normal que se segue à chegada ao país, pode-se observar então um aumento da imigração africana e libanesa.

## ***Educação***

O nível de educação dos muçulmanos é muito mais elevado do que o do conjunto da população urbana. Dois indicadores convergem nesse sentido. A proporção de pessoas alfabetizadas (que sabem ler e escrever um texto simples na língua que eles conhecem) atinge a proporção recorde de 92,8%, somente inferior à proporção máxima de 98% apresentada pelos israelitas, contra 82,2% da população urbana e 75,8% para o total dos brasileiros. O nível de educação, avaliado pelo grau da última série escolar ou universitária concluída (fig.2),

mostra que o da população muçulmana é nitidamente mais alto. É bem verdade que mais de um terço dos muçulmanos não concluiu ciclo algum, mas esta característica diz respeito a 43% da população urbana. Ao contrário, 13,5% dos muçulmanos possuem nível superior contra somente 4,8% da população urbana e 3,7% dos brasileiros; esta desproporção vale por todos os outros graus.

### *Atividades*

A repartição da população com dez anos e mais, por setor de atividade, confirma a importância do setor comercial, que ocupa quase 60% dos muçulmanos (fig.3), enquanto corresponde a apenas 15,2% da população urbana brasileira. O setor de prestação de serviços situa-se em segundo lugar, com apenas 10,4% dos muçulmanos, ou seja, duas vezes menos do que a proporção dos demais habitantes urbanos (21,1%). Três outros setores absorvem de 6 a 8% dos muçulmanos: as indústrias de transformação, o setor social e os serviços às empresas. Nota-se, no entanto, uma fraca participação de muçulmanos no setor de transportes (1,4% contra 5,1% da população urbana), na agricultura (1,8% contra 7,2%) e na administração pública (2,1% contra 5,7%).

A análise dos diferentes tipos de ocupação revela que quase 40% dos muçulmanos são empregadores, enquanto esta categoria representa apenas 4,3% da população urbana (fig.4). Esta concentração tem como consequência uma reduzida participação de empregados do setor privado (23,5% contra 48,1%), enquanto o peso dos trabalhadores autônomos ou por conta própria se aproxima (28,5% contra 20%).

Um pouco mais de um quarto (28%) da população muçulmana ativa trabalha em estabelecimentos com mais de 10 empregados (fig.5), enquanto esta proporção é duas vezes mais importante no que diz respeito à população urbana (51,6%). Já os estabelecimentos que possuem menos de 10 empregados são mais expressivos em relação aos muçulmanos: 11,7%, contra 4,7% dos habitantes urbanos, quanto aos estabelecimentos de 1 a 2 empregados; 14,2% contra 6,2%, de três a quatro empregados e 13% contra 6,8%, de cinco a nove empregados. Portanto, o tamanho dos estabelecimentos que empregam muçulmanos se destaca por reduzidas dimensões e isto fica ainda mais claro ao se considerar que a proporção de pessoas que trabalham sozinhas atinge 22,9%, no que diz respeito aos muçulmanos, contra 17,6%, no que se refere à população urbana. Finalmente, as pessoas que trabalham com um sócio ou uma pessoa não remunerada atinge, em relação aos muçulmanos, o dobro da proporção apresentada pela população urbana (7,7% contra 3%). Nota-se, ainda, a



fraca participação de trabalhadores domésticos muçulmanos (0,2% contra 7,7%), o que se explica sem dúvida pelo nível de educação elevado observado anteriormente.

Assim, o perfil majoritário do muçulmano ativo é o de um comerciante independente ou patrão de uma empresa que emprega menos de 10 pessoas. Porém, além deste arquétipo, o recenseamento de 1991 revela uma multiplicidade de situações.

### ***Rendimentos***

Como se poderia esperar, levando-se em conta o nível de educação e o tipo de atividade, os rendimentos dos muçulmanos revelam-se elevados (fig.6). A distribuição dos rendimentos, medida pelo número médio de salários mínimos mensais recebidos por pessoa de uma mesma família, mostra realmente uma nítida predominância de níveis elevados. Assim, a faixa máxima de mais de 10 salários mínimos apresenta-se cinco vezes mais elevada, no que concerne à população muçulmana, quando comparada à população urbana (9,2% contra 1,8%). Observa-se o mesmo fenômeno, mais atenuado porém, para as faixas de 2 a 3 salários mínimos (18% contra 7,9%), de 3 a 5 (19,8% contra 6,1%) e de 5 a 10 (12,5% contra 4%). Da mesma forma, é pequena a proporção de muçulmanos pobres, pois apenas 13,7% deles recebem um salário mínimo ou menos, contra 55,7% da população urbana.

### ***5. A repartição geográfica dos muçulmanos no Brasil***

Através do recenseamento de 1991, encontra-se pelo menos um muçulmano em 263 municípios do Brasil (num total em torno de 4 500). Porém os efetivos são distribuídos de forma bastante desigual no conjunto do território nacional. A tabela 2 apresenta o número de muçulmanos recenseados em cada estado da Federação e relaciona seu efetivo à população total, a fim de avaliar o grau de concentração desta sub-população que nos interessa aqui.

Tabela 2 - Repartição da população brasileira total e muçulmana por estados

Estados	Muçulmanos	População	Proporção por um milhão de habitantes
São Paulo	9 884	31 546 473	313
Paraná	4 360	8 443 299	516
Rio Grande do Sul	2 734	9 135 479	299
Rio de Janeiro	1 207	12 783 761	94
Distrito Federal	869	1 598 415	544
Mato Grosso do Sul	661	1 778 741	372
Minas Gerais	657	15 731 961	42
Goiás	558	4 012 562	139
Mato Grosso	464	2 022 524	229
Santa Catarina	463	4 538 248	102
Bahia	141	11 855 157	12
Amazonas	96	2 102 901	46
Rondônia	80	1 130 874	71
Pará	71	5 181 570	14
Maranhão	63	4 929 029	13
Pernambuco	38	7 120 862	5
Ceará	21	6 362 620	3
Roraima	20	215 950	93
Espírito Santo	20	2 598 505	8
Rio Grande do Norte	12	2 414 121	5
Paraíba	11	3 200 677	3
Sergipe	8	1 491 867	5
Tocantins	6	920 116	7
Acre	5	417 165	11
Amapá	0	288 690	0
Piauí	0	2 581 215	0
Alagoas	0	2 455 627	0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991

O estado de São Paulo é o que mais se destaca em relação ao número de muçulmanos, com quase 10 000 pessoas declarando sua confissão religiosa islâmica, dos quais 6 300 residem no município de São Paulo (fig.7). Esta observação é confirmada pelo número de instituições muçulmanas localizadas na capital paulista (tabela 3); encontra-se aí, de fato, quase a metade dessas instituições (13 em 28), algumas estritamente religiosas (como a mesquita Omar Ibn Khattab ou os diferentes centros islâmicos), outras mais abertas para o exterior, dispondo freqüentemente de lugares de oração (como as sociedades

beneficentes); a estas se acrescentam um hospital e duas sedes associativas nacionais, a da Federação das Associações Muçulmanas do Brasil e a dos Estudantes Muçulmanos do Brasil.

A presença dos muçulmanos é forte igualmente em alguns municípios da região metropolitana de São Paulo: na cidade industrial de São Bernardo do Campo (335 muçulmanos recenseados e 5 instituições), em Santo André (232 muçulmanos), em Guarulhos (221 muçulmanos, a mesquita Al-Murabitun, uma sociedade beneficente e a associação cultural árabe-brasileira), em Moji das Cruzes (144 muçulmanos e uma sociedade beneficente), em Osasco (121 muçulmanos) e em Itapecerica da Serra (70 muçulmanos).

Além desses, embora mais afastados mas ainda na órbita da capital, encontramos a presença significativa de muçulmanos em Santos (487 muçulmanos recenseados e uma sociedade beneficente), em São José dos Campos (148 muçulmanos), em Campinas (85 muçulmanos e um centro islâmico), em Itanhaém (111 muçulmanos) e em Sorocaba (61 muçulmanos).

No total, o recenseamento da população de 1991 relaciona, na cidade de São Paulo e em alguns municípios de sua região metropolitana, em torno de 8 600 muçulmanos, ou seja, 85% do total do Estado e 40% do total nacional. Encontra-se igualmente no seio deste espaço 22 das 52 instituições muçulmanas recenseadas pelo Centro Islâmico de Foz do Iguaçu, isto é, uma proporção semelhante a dos crentes. Mesmo que alguns erros possam macular os dados do recenseamento demográfico de 1991, deve-se reconhecer que há uma certa lógica nessas informações.

Tabela 3 - As instituições muçulmanas no estado de São Paulo

<b>Capital</b>	Centro Islâmico Abdallah Azzim Centro Islâmico da Juventude Salah 'udin Escola Árabe Islâmica Ibn Khaldon Federação das Associações Muçulmanas do Brasil Fundação Beneficente Muçulmana Mesquita Omar Ibn Khattab Hospital Islâmico Avicena S.B.R.C. Islâmica de São Miguel Paulista Sociedade Beneficente Muçulmana Ali Ibn Talib Sociedade Beneficente Muçulmana de Santo Amaro Sociedade Beneficente Muçulmana de São Paulo Sociedade Beneficente Muçulmana do Brás União dos Estudantes Muçulmanos no Brasil
<b>Região Metropolitana</b>	
Guarulhos	Liga Cultural Árabe-Brasileira Mesquita Al- Murabitun Sociedade Beneficente Islâmica de Guarulhos
Moji das Cruzes	Sociedade Beneficente Islâmica de Moji das Cruzes
São Bernardo do Campo	Associação Jasseb Centro de Divulgação do Islam para a América Latina Clube Sultan Yacob Sociedade Beneficente Islâmica Sociedade Beneficente Islâmica Abu Bakr Al-Sadik
<b>Interior</b>	
Campinas	Centro Islâmico de Campinas
Colina	União Beneficente Muçulmana de Colina
Jundiaí	Centro Islâmico de Jundiaí
Santos	Sociedade Beneficente Islâmica de Santos
Taubaté	Sociedade Beneficente Islâmica de Taubaté

Fonte: Centro Islâmico de Foz do Iguaçu

Uma tal concentração geográfica na região metropolitana de São Paulo deixa pouco espaço às regiões do interior do estado, mas Barretos, Ribeirão Preto, Araraquara e Bauru englobam juntos mais de 600 muçulmanos. Nota-se que várias dessas localidades aparecem já no recenseamento de 1920 como os lugares principais de concentração de sírio-libaneses. São José do Rio Preto que era o segundo ponto de fixação dessas populações no estado, com 730 pessoas em 1920, conta apenas com 65 muçulmanos em 1991.

O estado do Paraná, com 4 360 pessoas de confissão muçulmana, é duas vezes menos importante em número que o estado de São Paulo, mas sua proporção na população total é mais elevada (516 por um milhão contra 313). Ao

contrário do caso anterior, não é na capital do estado, Curitiba (1 006 muçulmanos recenseados), que se encontram os efetivos mais elevados, mas sim na quinta cidade do Paraná, Foz do Iguaçu (1 873). Esta cidade é mundialmente conhecida pelo esplendor de suas cataratas e pela grandeza da barragem de Itaipu. Porém, Foz do Iguaçu apresenta outra característica, a de fazer ao mesmo tempo fronteira com o Paraguai e com a Argentina. Esta situação, tradicionalmente favorável ao comércio (legal ou não...), foi reforçada recentemente pelo crescimento do poder do mercado comum dos países do sul da América do Sul, o Mercosul, em decorrência do Tratado de Assunção que visou o estabelecimento de um conjunto econômico integrado permitindo a livre circulação de bens, pessoas, capitais e serviços entre o Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Assim, dois fatores geográficos, o tamanho médio da cidade e sua posição de entroncamento rodoviário, contribuem para dotar a comunidade muçulmana de Foz do Iguaçu de um forte dinamismo que se manifesta de maneira ostensiva no seu *site* na internet. Sabe-se que esta comunidade dedicou-se muito à construção de sua mesquita cuja pedra fundamental foi colocada em 1981. Nesta ocasião, o Corpo Diplomático do Mundo Árabe foi convidado para a cerimônia, bem como autoridades civis, militares e eclesiásticas brasileiras. Terminada em 1983, esta mesquita, que leva o nome do califa Ibn Al-Khatab, se constitui num templo suntuoso, possuindo uma sala de orações de 400 m<sup>2</sup> e um minarete, apresentando um interior de rara e incrível beleza, ornamentado com arabescos e figuras geométricas. Foz do Iguaçu dispõe também de um Centro Cultural e de Beneficência Islâmica, que tem o objetivo de difundir o “islamismo”, a cultura e a civilização árabe, principalmente, através da distribuição de material religioso e didático à imprensa.

O estado do Rio Grande do Sul, com 2 734 recenseados ocupa a terceira posição entre os estados brasileiros, com uma proporção de muçulmanos na população total próxima daquela do estado de São Paulo (299 para um milhão contra 313). Como no caso do Paraná, a principal concentração não se verifica na sua capital Porto Alegre (429), mas em Uruguaiana, cidade fronteiriça com a Argentina que conta com 842 muçulmanos recenseados. Observa-se outro agrupamento da mesma natureza na cidade de Chuí, na fronteira com o Uruguai (419), ocupando a terceira posição no Rio Grande do Sul. Uruguaiana e Chuí possuem uma sociedade beneficente muçulmana, enquanto Porto Alegre detém um centro cultural islâmico. Os outros 1 000 muçulmanos restantes encontram-se dispersos pelo território do estado e não parecem dispor de nenhuma infra-estrutura religiosa.

As cidades do Rio de Janeiro e de Brasília formam as duas concentrações significativas restantes, com, respectivamente, 906 e 870 muçulmanos recenseados. No Rio, há uma sociedade beneficente muçulmana e em Brasília um centro islâmico.

Finalmente, é preciso registrar a existência de pequenas concentrações na região Centro-Oeste. No estado de Mato Grosso do Sul registram-se: na capital, Campo Grande (231), em Corumbá (230) e em Dourados (145); em Mato Grosso: Cuiabá (310); em Goiás: em Rio Verde (124) e em Jataí (69). Sabe-se que tais lugares se beneficiaram do avanço de frentes pioneiras (com exceção de Corumbá), a partir do final dos anos 60, e formam hoje importantes centros de produção agrícola destinada à exportação, constituindo-se numa das principais regiões produtoras de soja do Brasil. Sabe-se também que a expansão dessas frentes foi, em grande parte, devida a pioneiros originários dos estados da Região Sul. É portanto interessante notar a participação de muçulmanos no movimento de expansão dessas fronteiras agrícolas, mesmo que a agricultura não esteja ligada às suas atividades. Todas essas cidades, menos Rio Verde, possuem uma sociedade beneficente muçulmana e Cuiabá dispõe, além de uma mesquita, de um *site* na internet.

## **6. Conclusão**

A análise dos microdados do recenseamento demográfico de 1991 mostra uma nítida diferença da população muçulmana face ao conjunto da população urbana brasileira. Ela vem confirmar alguns fatos já bastante conhecidos, como a importância da atividade comercial. Mas traz também um conjunto de novidades, no qual deve-se destacar o reduzido número de pessoas que se declara de confissão muçulmana. Apesar das dificuldades encontradas num recenseamento de grandes dimensões, como é o censo demográfico brasileiro, é necessário ressaltar a grande coerência existente nas tabelas resultantes desse levantamento estatístico como, por exemplo, a associação verificada entre a boa posição financeira dos muçulmanos, o nível de educação elevado e o tipo de ocupação com o predomínio de empregadores.

A coerência dos resultados não é menos nítida do ponto de vista geográfico. Os muçulmanos encontram-se sobretudo na cidade de São Paulo e em sua região metropolitana, principal área de imigração árabe no final do século XIX e começo do XX, bem como em algumas localidades do interior do estado. Além dessa área, a importância dos muçulmanos em cidades de fronteira, voltadas para países que integram o Mercosul é evidente: Foz do Iguaçu,

Uruguaiana e Chuí se destacam sobre o mapa. Finalmente, a presença de muçulmanos nas capitais dos estados do Sudeste e do Sul do país é significativa (Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro), assim como na capital federal, Brasília. Todos esses lugares apresentam infra-estrutura associativa confessional, identificada através da presença de sociedades beneficentes, centros culturais e, algumas vezes, grandes mesquitas.

O conjunto desses fatores de diferenciação socioeconômica e espacial faz dos muçulmanos no Brasil um grupo social particular, pequeno em número, mas bastante ativo nas camadas sociais superiores da população e nos lugares de importância do poder econômico.

*Philippe Waniez é Pesquisador do  
Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD), Paris*

*Violette Brustlein é Engenheira do  
Centro de Pesquisa e Documentação sobre a América Latina (CREDAL),  
do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), Paris*

## **Notas**

★ Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no ateliê “O Islã na Lusofonia”, no XIV Congresso da Associação Francesa para o Estudo do Mundo Árabe e Muçulmano (AFEMAM), Bordeaux-Talence, de 6 a 8 de julho de 2000.

★★ Os autores agradecem ao serviço de documentação da Biblioteca da PUC-Rio, pela ajuda preciosa no levantamento da bibliografia, e a Dora Rodrigues Hees pela tradução do artigo para o português.

## **Referências bibliográficas**

AMADO, Jorge. *La découverte de l'Amérique par les Turcs*. Paris: Stock, 1994.

BASTANI, Tanus Jorge. *Libano e os libaneses no Brasil: história e fatos da vida do povo libanês*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. C. Mendes Junior, 1945.

BASTOS, Wilson de Lima. *Os sírios em Juiz de Fora*. Juiz de Fora, MG: Edições Paraibuna, 1988.

CAMPOS, Mintaha Alcuri. *Turco pobre, sírio remediado, libanês rico: a trajetória do imigrante libanês no Espírito Santo (1910/1940)*. Vitória, ES: Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Mouros e judeus na tradição popular do Brasil*. Recife, PE: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

- CASTELLO Branco Filho, Moyses. *História do comércio de Teresina (participação de sírios e libaneses)*. Teresina, PI: Academia Piauiense de Letras, 1982.
- DIÉGUES Júnior, Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. 6ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1977.
- DEFFONTAINES, Pierre. Mascates ou pequenos negociantes ambulantes do Brasil. In: *Geografia*, vol. 2, n.1, 1936.
- Folha de São Paulo. Premiê libanês quer capital brasileiro. Edição Nacional, 13/06/95, p. 1, 1995.
- Folha de São Paulo. Arabescos poéticos. Edição Nacional, 11/03/96, p. 5, 1996.
- Folha de São Paulo. Islamismo cresce mais que outras religiões no mundo. Edição Nacional, 04/04/98, p. 1, 1998.
- HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: cem anos de reflexão*. São Paulo, SP: Ed. Ícone, 1985.
- KNOWLTON, Clark S. *Sírios e libaneses; mobilidade social e espacial*. São Paulo, SP: Anhembi, 1960.
- MAGALDI, Cassia Regina Carvalho de. *Condicionantes culturais árabes na Salvador dos séculos XVII e XVIII*. São Paulo, SP: s/ed., 1996.
- NUNES, Heliane Prudente. *Imigração árabe em Goiás*. São Paulo, SP: Tese da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1996.
- PIMENTEL, Valderéz Cavalcante. *A aculturação do imigrante sírio no Piauí (estudo de caso)*. Teresina, PI: Projeto Petronio Portella, 1986.
- REICHERT, Rolf. *Os documentos árabes do Arquivo do Estado da Bahia*. Centro de Estudos Afro-Orientais, Série Documentos, n. 9, 1970.
- REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil - a história do levante dos malês - 1835*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.
- SAFADY, Jorge S. *Líbano no Brasil*. São Paulo: Comercial Safady, 1956.
- \_\_\_\_\_. *A imigração árabe no Brasil(1880-1971)*. Tese. São Paulo, SP: 1972.
- SAFADY, Wadih. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida: depoimento e contribuição para a história da imigração dos povos árabes para o Brasil*. São Paulo, SP: s/ed., 1966.
- SAFADY, Jamil. *Panorama da imigração árabe*. São Paulo, SP: Comercial Safady, s/data.
- \_\_\_\_\_. *A cultura árabe no Brasil: Líbano e Síria*. São Paulo, SP: Comercial Safady, 1971.
- SOLER, Luis. *As raízes árabes na tradição poético-musical do sertão nordestino*. Recife, PE: Editora Universitária/UFPE, 1978.
- TALIB, Haidar Abu. *As revoltas dos malês*. Texto publicado no site da Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro.
- TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. The right place at the right time: Syrians and Lebanese in Brazil and the United States, a comparative approach. In: *Journal of American Ethnic History*, Vol. 16, n. 2, 1997.
- VARGENS, João Baptista M. *Islamismo e negritude: da África ao Brasil, da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro, RJ: Setor de Estudos Árabes da Faculdade de Letras da UFRJ, 1982.



VARELLA-GRACIA, Marileila. Demographic Studies in a Brazilian Population of Arabian Origin. In: *Social-Biology*, 23 ( 2 ), 1976.

ZEGHIDOUR, Slimane. *A poesia árabe moderna e o Brasil*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1982.

### **Sites na Internet**

Centro de Estudos e Divulgação do Islam (CEDI, São Paulo)

<http://www.islam.org.br>

Centro Cultural Beneficente Árabe-Islâmico de Foz do Iguaçu

<http://www.islam.com.br>

Centro Islâmico de Minas Gerais.

<http://www.geocities.com/alminar.geo>

Forum Islâmico

<http://www.aliasoft.com/forumislam/index.html>

Mesquita de Cuiabá (Mato Grosso)

<http://www.geocities.com/Paris/Rue/9899>

Organización Islamica para América Latina

<http://www.islamamerica.org.ar>

Clube Atlético Monte Líbano

<http://www.montelibano-sp.org.br/>

## **Resumo**

A presença dos árabes no Brasil data da época colonial, mas a imigração se desenvolveu a partir de 1860, quando chegaram, em grande número, sírios e libaneses, sobretudo com destino ao estado de São Paulo. O artigo parte dos resultados do Recenseamento Demográfico de 1991, do IBGE, que permitiram realizar cruzamentos entre as informações sobre a religião declarada pelas pessoas recenseadas e indicadores sociais: idade, sexo, nacionalidade, país de nascimento, nível de educação, atividades e rendimentos. Consta-se que os muçulmanos concentram-se na Região Metropolitana de São Paulo e em cidades de fronteira com países do Mercosul. Observa-se grande correlação entre boa situação financeira, nível educacional elevado e categoria ocupacional na qual predominam empresários. Tais características fazem dos muçulmanos no Brasil um grupo social particular, pequeno em número, mas ativo nas camadas sociais superiores da população e na esfera do poder econômico.

## **Palavras-chave**

Muçulmanos, islamismo, turcos, árabes, sírios, libaneses, religião, imigração, geografia, sociedade, idade, sexo, nacionalidade, origem, educação, atividades, rendimentos.

## **Resumé**

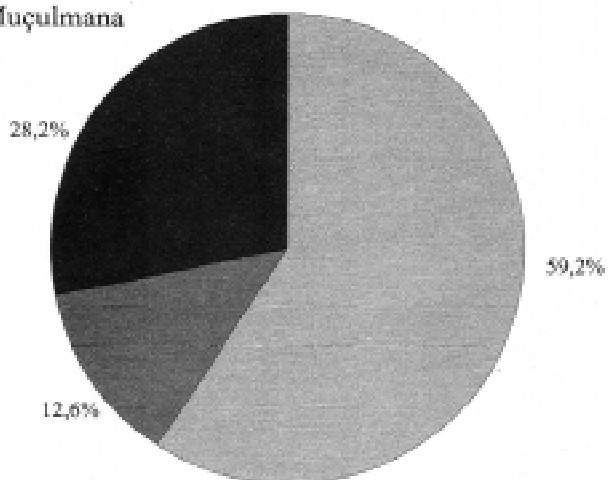
La présence des arabes au Brésil date de l'époque coloniale, mais l'immigration s'est développée à partir de 1860, quand sont arrivés, en grand nombre, les syriens et les libanais, surtout dans l'État de São Paulo. Cet article utilise les données du Recensement Démographique de 1991, réalisé par l'IBGE, pour produire des croisements entre les informations sur la religion déclarées par les personnes recensées et plusieurs indicateurs socio-démographiques : âge, sexe, nationalité, pays de naissance, niveau d'éducation, activités et revenus. On constate que les musulmans se concentrent dans la Région Métropolitaine de São Paulo et dans les cités frontalières du Mercosul. On observe que les musulmans sont principalement caractérisés par une bonne situation financière, un niveau d'éducation élevé et un statut d'occupation dominé par les entrepreneurs. De telles caractéristiques font des musulmans au Brésil un groupe social particulier, petit en nombre, mais actif dans les couches supérieures de la population et dans les sphères du pouvoir économique.

## **Mots-clés**

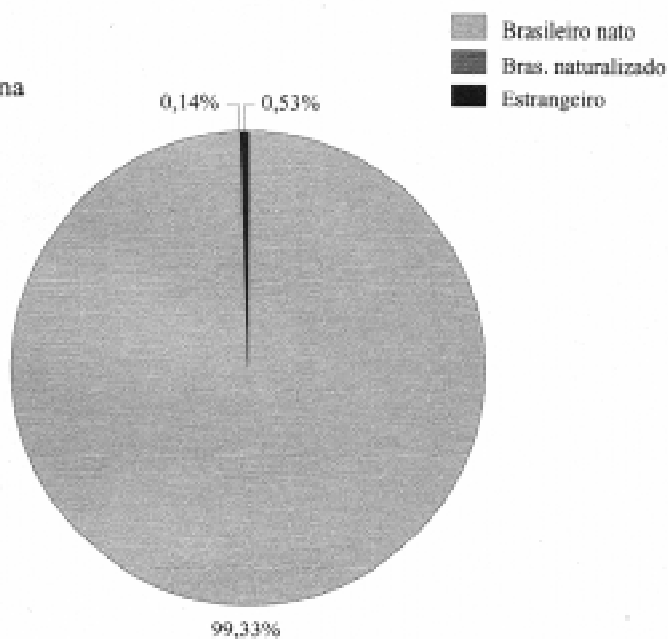
Musulmans, islam, turcs, arabes, syriens, libanais, religion, immigration, géographie, société, âge, sexe, nationalité, origine, éducation, activités, revenus.

Figura 1 - População muçulmana e população urbana recenseadas no Brasil em 1991, segundo a nacionalidade brasileira ou estrangeira.

### População Muçulmana



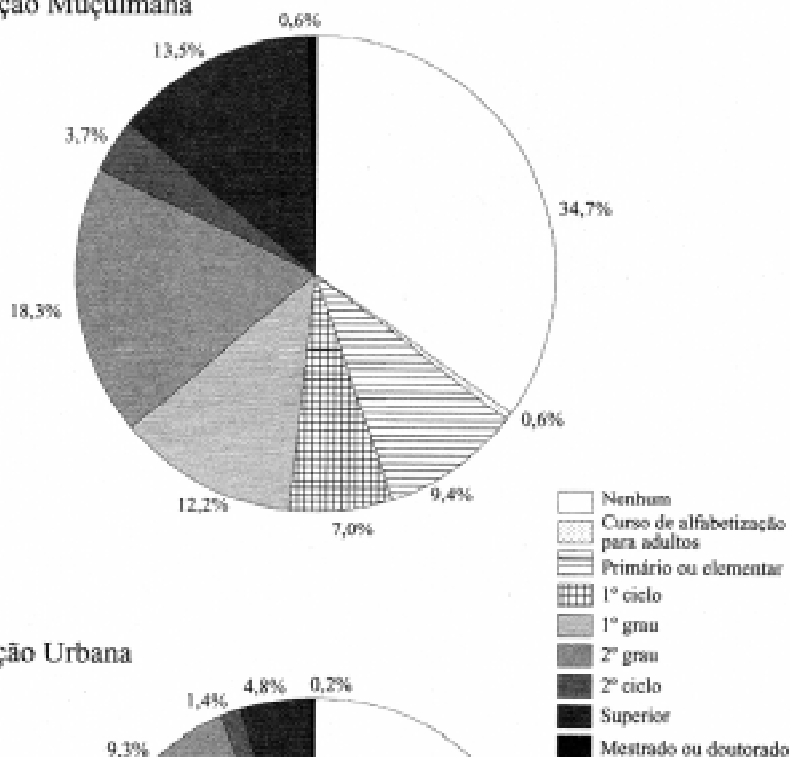
### População Urbana



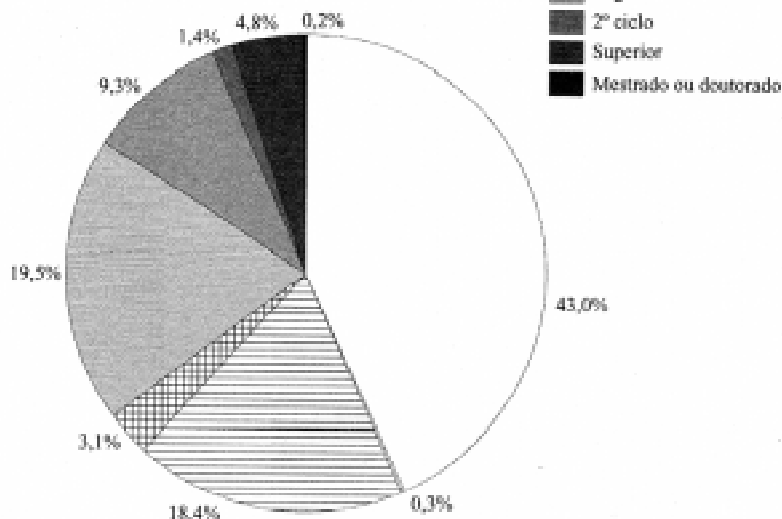
Fonte : IBGE, Recenseamento Demográfico de 1991 ©2000 Philippe Wanice - Violette Brustlein

Figura 2 - População muçulmana e população urbana recenseadas no Brasil em 1991, segundo a última série escolar ou universitária concluída com resultado favorável

### População Muçulmana



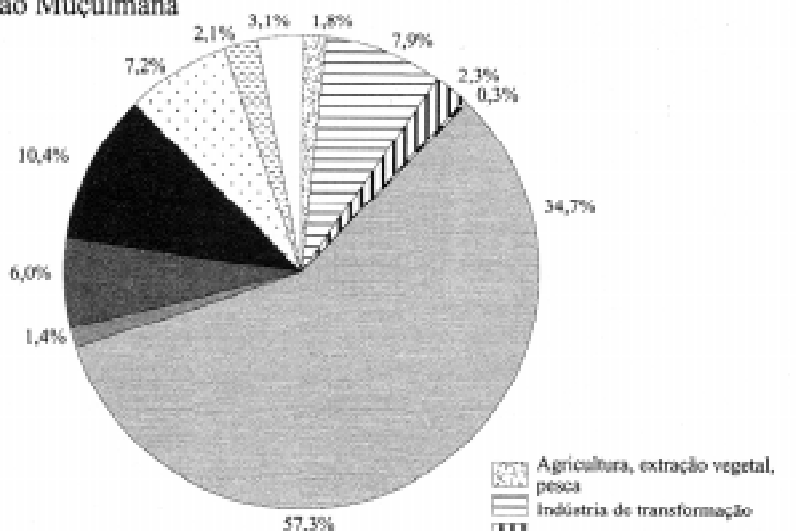
### População Urbana



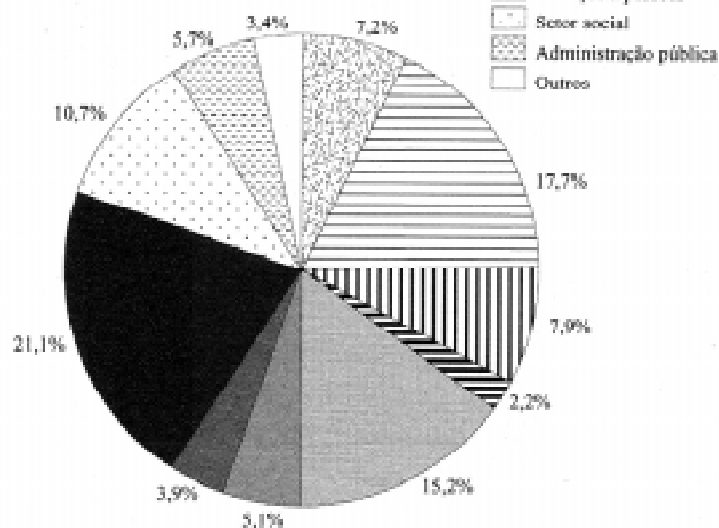
Fonte : IBGE, Recenseamento demográfico de 1991 ©2000 Philippe Wanice - Violette Brustlein

Figura 3 - População muçulmana ativa e população urbana ativa recenseadas no Brasil em 1991, segundo o setor de atividade

População Muçulmana



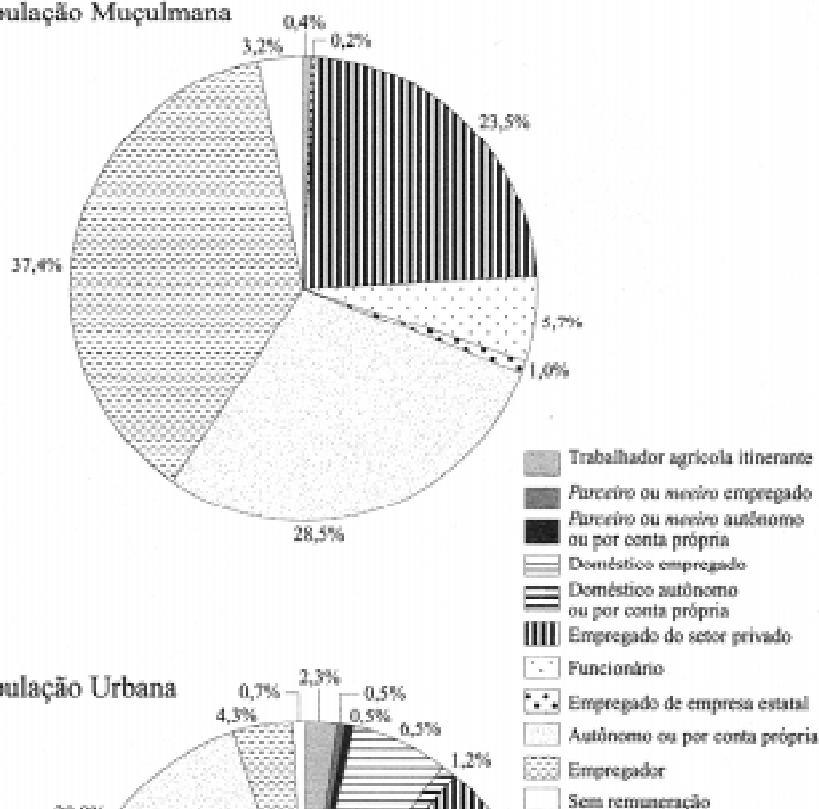
População Urbana



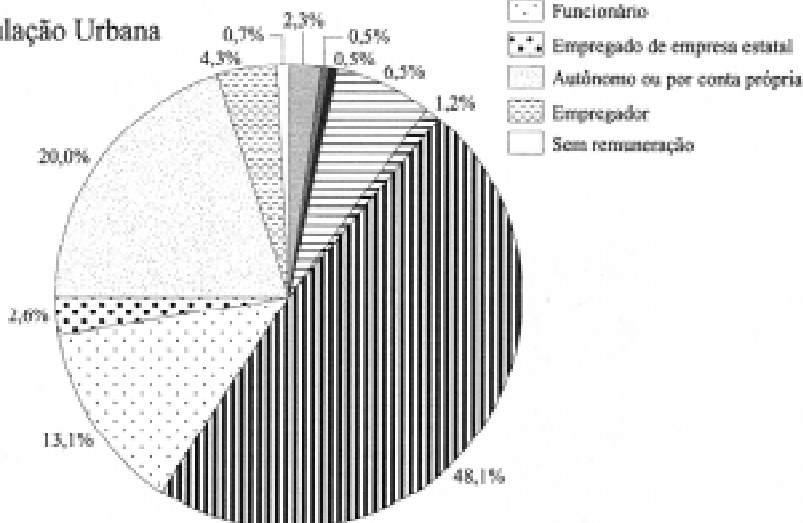
Fonte : IBGE, Recenseamento demográfico de 1991 ©2000 Philippe Waniez - Violette Brustlein

Figura 4 - População muçulmana ativa e população urbana ativa recenseadas no Brasil em 1991, segundo o tipo de atividade

População Muçulmana



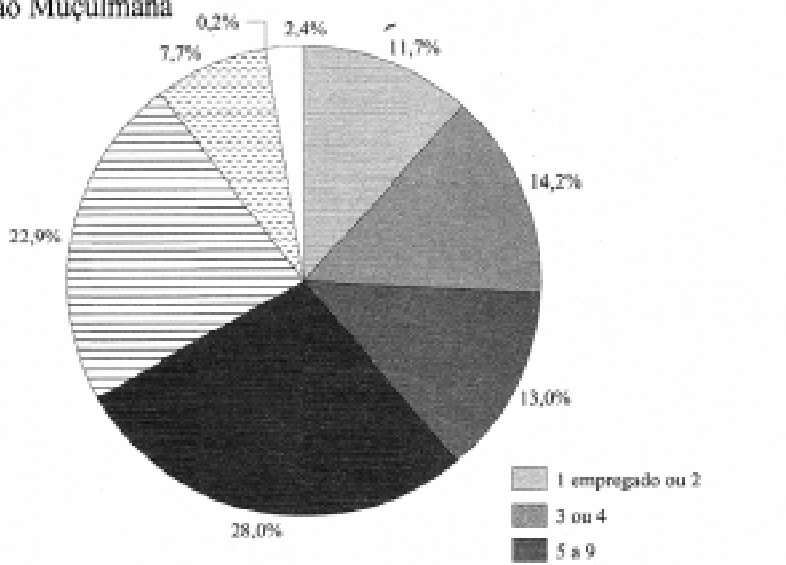
População Urbana



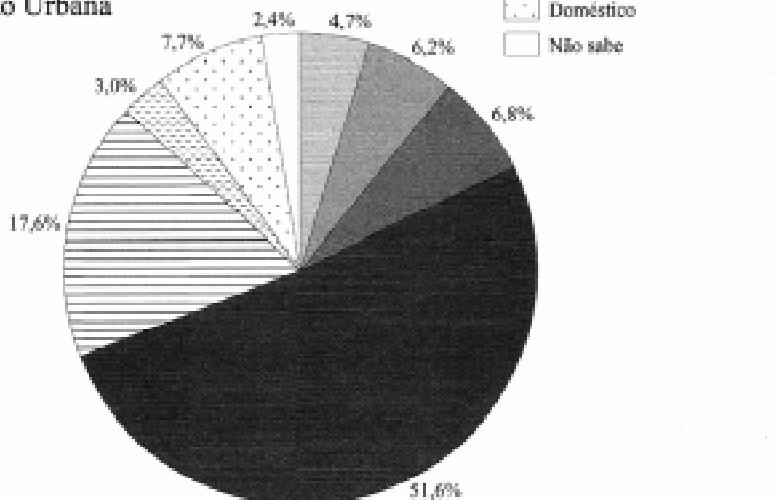
Fonte : IBGE, Recenseamento demográfico de 1991 ©2000 Philippe Waniez - Violette Brustlein

Figura 5 - População muçulmana ativa e população urbana ativa recenseadas no Brasil em 1991, segundo o número de empregados no lugar de trabalho

### População Muçulmana



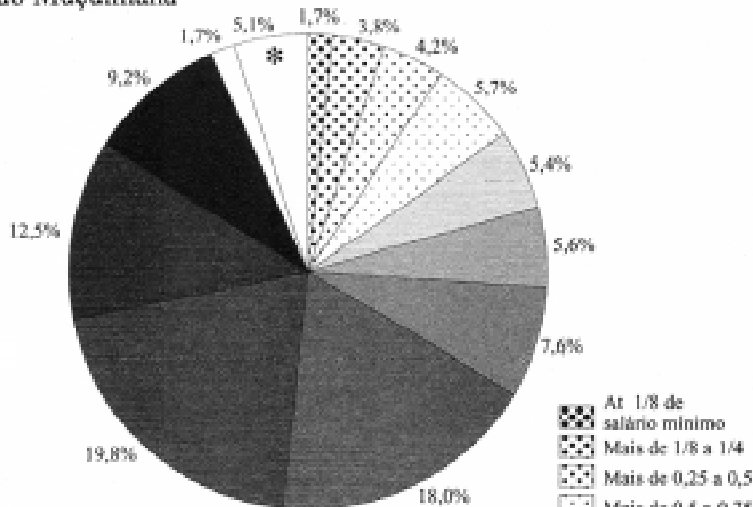
### População Urbana



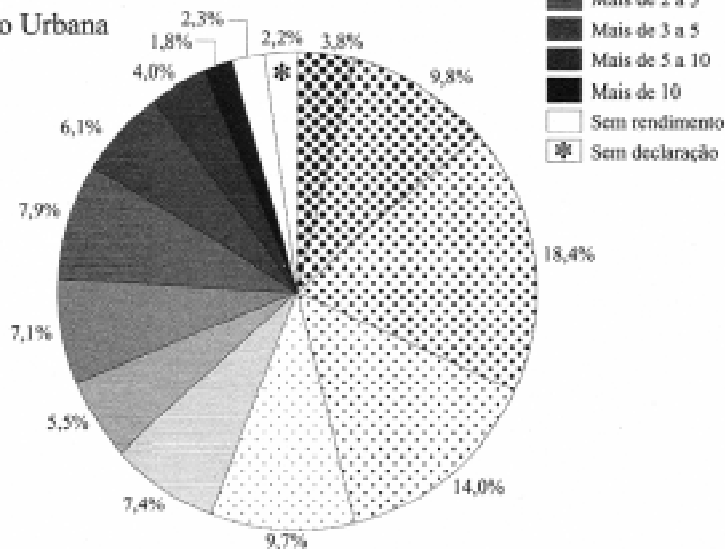
Fonte : IBGE, Recenseamento demográfico de 1991 ©2000 Philipps Wenzel - Violette Brustlein

Figura 6 - População muçulmana e população urbana recenseadas no Brasil em 1991, segundo o rendimento médio mensal por pessoa de uma mesma família

### População Muçulmana



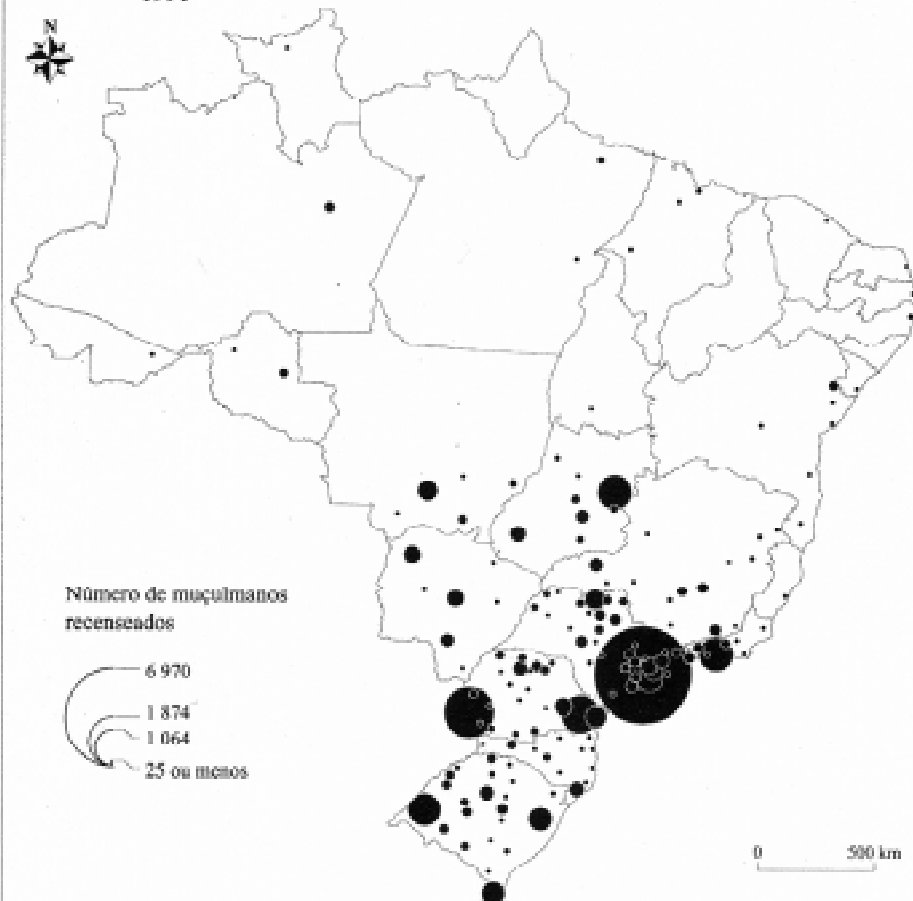
### População Urbana



Fonte : IBGE, Recenseamento demográfico de 1991 ©2000 Philippe Waniez - Viollette Brustlein



Figura 7 - Os muçulmanos no Brasil  
1991



Fonte : IBGE, Recenseamento demográfico de 1991 ©2000 Philippe Waniez - Violette Brustlein

Figura 8 - Divisões territoriais do Brasil  
Regiões, Estados, Microrregiões

